

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ESCRITORES/REALIZADORES
22 de Maio de 2023

LES PARENTS TERRIBLES / 1948

Um filme de Jean Cocteau

Realização: Jean Cocteau / Argumento: Jean Cocteau, baseado na sua peça teatral homónima / Direcção de Fotografia: Michel Kelber / Direcção Artística: Guy de Gastyne e Christian Bérard / Guarda-Roupa: Marcel Escoffier / Música Original: Georges Auric / Som: Antoine Archimbaud / Montagem: Jacqueline Sadoul / Interpretação: Jean Marais (Michel), Josette Day (Madeleine), Yvonne de Bray (Sophie), Marcel André (Georges), Gabrielle Dorziat (tia Léo), e a voz de Jean Cocteau (narrador).

Produção: Les Films Ariane / Produtores: Alexandre Mnouchkine e Francis Cosne / Cópia digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 100 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Luís Machado

Foi só no pós-guerra que a obra de Jean Cocteau, depois da experiência tão devedora da aura das “avant-gardes” e do surrealismo que fora **Le Sang d’un Poète** no princípio dos anos 30, começou a criar “volume”. E a segunda metade da década de 1940 foi crucial: **La Belle et la Bête** em 1946, depois **L’Aigle à Deux Têtes** e **Les Parents Terribles** em 1948, e **Orphée** em 1950.

Na sequência em que se insere, **Les Parents Terribles** é o filme mais destoante. Porque propõe um regresso quase canónico ao teatro, ao “cinema-teatro” (de certa forma, é o momento em que Cocteau mais se aproxima de Guitry e da tendência deste para pôr o seu património teatral a alimentar a sua obra cinematográfica), despido de efeitos oníricos, “vanguardistas”, surreais ou surrealizantes, num realismo e num verismo onde os actores, o texto e o décor são a matéria suprema. Cocteau parecia estar ciente do “corte” que um filme como este, estreado apenas dois anos depois da **Belle et la Bête**, instalava nas expectativas do público, visto que, nas notas que preparou para a estreia do filme, foi ele próprio a prevenir que vinha num modo “diferente”: “desta vez não venho para vos levar a passear numa carruagem grega, nem num avião sobre os ombros de Merlim, nem sequer num carrinho de corridas”. Era, portanto, qualquer coisa de mais corriqueiro, realista, popular, até.

Popular, porque popularíssima fora nos palcos a peça que escrevera e estreada em 1938, depois proibida pelos nazis durante a Ocupação mas retomada, com igual sucesso, noutras produções nos primeiros anos depois do final da guerra. O espectador francês comum de 1948, dada a fama de peça, saberia bem ao que ia, quase tornando

dispensável o aviso (semi-aviso, semi-apologia) do autor. Não deixa de ser curioso, tendo tudo isto em conta, que **Les Parents Terribles** abra com um plano (a espécie de grande óculo de escafandro da excêntrica personagem do pai) que é todo ele distorção visual, e portanto distorção do real, para depois abandonar isso, esse tipo de efeitos, por completo – mas é como se a entrada no filme assinalasse, plena de intenção, uma passagem. Também assinala, e isso é acompanhado por vários outros planos do filme, sobretudo os que procuram ângulos mais inesperados sobre o décor, uma possível influência do **Citizen Kane** de Welles e, sobretudo, do trabalho de câmara de Gregg Toland nesse filme (o que também não é verdadeiramente surpreendente, sabendo-se do impacto que, também em França, teve o filme de Welles). Mas sem exibicionismo: trata-se sobretudo de fazer da casa, daquele espaço doméstico, uma outra personagem, a personagem que engloba, e de algum modo prende, todas as personagens humanas. Algo que é confirmado pela vontade de Cocteau de associar a certos elementos do décor (mobiliário, por exemplo) uma “bruitage” própria (gavetas perras, portas de armário que rangem), como se se tratasse de fazer da casa um organismo vivo.

Porque essa é, evidentemente, a questão que percorre todo o filme: a enorme ambiguidade do olhar sobre o espaço doméstico, sobre o reduto familiar. Todos os movimentos “em fuga” (como o principal motor do filme, a vontade de se casar manifestada pela personagem de Jean Marais) parece que ainda prendem mais as personagens, umas às outras e àquela casa (porque é, por exemplo mais significativo, a perspectiva da casamento que vem revelar a que ponto a noiva, Josette Day, está também presa àquela casa, por via da relação com o pai Georges, interpretado por Marcel André). Sabe-se que as sugestões vagamente incestuosas da relação entre Michel (Marais) e a mãe foram uma das razões para que a peça tenha tido, na sua vida teatral e mesmo antes da invasão nazi, alguns problemas com proibições. Mas, de facto, o retrato da vida doméstica como Cocteau o pinta é, e para além da sexualidade estrita (mas não a excluindo), uma situação totalmente incestuosa. Também por isso, mesmo seguindo um caminho diferente, Cocteau acaba por encontrar a mesma via elípticamente autobiográfica dos seus filmes mais expansivamente “poéticos” ou “surrealizantes” – mais ou menos encriptadamente, mais ou menos fragmentariamente, é também um pouco da sua história, a história de um homem que viveu décadas com a mãe, e para quem o reduto familiar tinha esta ambiguidade entre a atracção e a repulsa, que ele conta.

Luís Miguel Oliveira